A BUSCA CONTÍNUA DA SUSTENTABILIDADE COMO FATOR CHAVE DE SUCESSO DO SETOR BRASILEIRO DE CELULOSE E PAPEL

Celso Foelkel

Setembro 2020

O setor brasileiro de produção e comercialização de celulose e papel tem-se constituído em um dos principais e bem-sucedidos segmentos do agronegócio nacional. Trata-se de um setor com ampla gama de atividades, que se inicia na produção de florestas cultivadas para obtenção da principal de suas matérias-primas, a árvore, continuando pelas suas modernas fábricas de celulose de mercado e de papéis, culminando com a comercialização de seus produtos no Brasil e em grande parte do planeta, graças ao seu foco exportador.

Em termos temporais, pode-se dizer que grande parte de suas conquistas são recentes, pois a fabricação de celulose e papel no Brasil passou a ocorrer com mais intensidade há pouco mais de um século. Já o modelo exportador tem pouco mais de 40 anos, tendo iniciado em meados dos anos 1970's.

Esse artigo tem como missão apresentar essa rica história setorial e quais os fatores que permitiram essas conquistas, procurando relacionar as principais forças motrizes que alavancaram a competitividade do setor com as práticas de modelos de sustentabilidade adotados nos seus negócios. Importante mencionar que nesse trabalho se fazem referências tanto ao setor de celulose e papel como ao setor de base florestal plantada (que inclui celulose e papel e outros produtos industriais derivados das árvores plantadas, tais como painéis de madeira, madeira serrada, carvão vegetal, móveis, etc.).

A história nos revela que até os anos 1960's o setor de celulose e papel era focado no mercado doméstico, com fábricas integradas de pequeno a médio porte e localizadas principalmente nos estados das regiões sul e sudeste do País. O estado de São Paulo concentrava importante percentual da produção brasileira de papel e foi nele que as primeiras plantações comerciais de florestas de rápido

crescimento surgiram com os reflorestamentos com eucaliptos da antiga Companhia Paulista de Estradas de Ferro. O grande silvicultor brasileiro Edmundo Navarro de Andrade vislumbrou outras utilizações para as madeiras de eucalipto, entre os quais a celulose e o papel. Em 1925, Navarro de Andrade encaminhou amostras de madeiras de eucalipto para testes no Forest Products Laboratory, nos Estados Unidos da América, o qual recomendou e aprovou o uso dessas madeiras para fabricação de diversos tipos de papéis. Algumas empresas paulistas passaram a utilizar essa madeira na fabricação de celulose, com destaque à Companhia Suzano de Papel e Celulose, que em 1961 conseguiu produzir pela primeira vez no Brasil (e talvez no mundo), um papel de impressão branco feito com 100% de fibras celulósicas do eucalipto.

A década de 1960's foi muito rica em conquistas do setor florestal brasileiro. Surgiram nesses anos diversas iniciativas que alavancariam o seu desenvolvimento, tais como a criação da carreira de Engenharia Florestal no Brasil e a fundação do IPEF – Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais, uma entidade de pesquisa florestal compartilhada pela Universidade de São Paulo com empresas industriais da base florestal. Logo, o modelo foi replicado com sucesso também no Paraná (FUPEF – Fundação de Pesquisas Florestais do Paraná) e Minas Gerais (SIF – Sociedade de Investigações Florestais).

Pode-se dizer que estavam sendo lançadas as sementes para o desenvolvimento desse setor de base florestal plantada no Brasil. Na verdade, essas sementes receberam fertilização rápida com a criação de dois programas governamentais de apoio ao mesmo: em 1966, foi criado o PIFR - Programa de Incentivos Fiscais para o Reflorestamento, que perdurou por 20 anos; em 1974, foi lançado o PNPC – Programa Nacional de Papel e Celulose, que tinha como metas estimular a produção de celulose e papel com foco na exportação e geração de receitas em “moeda forte”, como se dizia na época. Em 1974, o Brasil produzia apenas 1,3 milhões de toneladas de celulose e 1,6 milhões de toneladas de papéis (em função de alguma importação de celulose e da reciclagem de papel usado). O PNPC almejava a instalação de fábricas as mais modernas para a época nos estados de Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia, como forma de ampliação do desenvolvimento nacional para outras regiões. As coisas aconteceram muito rapidamente a partir de 1974: surgiram novas fábricas modernas e competitivas e outras mais antigas foram

modernizadas. A partir de 1977 aconteceu o início de operações dessas fábricas de celulose kraft branqueada de eucalipto para exportações para clientes na Europa, América do Norte e Ásia. O PNPC e o PIFR estimularam não apenas as fábricas de celulose de eucalipto, como também as de *Pinus*, onde fábricas de celulose de *Pinus* diversificaram seus produtos passando a atuar em outros segmentos da base florestal. Portanto, as florestas plantadas e cultivadas de *Eucalyptus* e *Pinus* passariam em pouco tempo mais a se constituírem nos alicerces desses processos de industrialização e comercialização de produtos florestais para o Brasil e para o mundo. Principalmente porque a silvicultura brasileira conseguiria tornar essas florestas cultivadas em líderes mundiais em produtividade florestal.

Como esperado, todo novo modelo econômico tem suas virtudes, mas também traz consigo seus defeitos, um dos quais era a geração de efeitos ambientais negativos nas florestas e nas fábricas. Os reclamos passaram a acontecer principalmente das comunidades vizinhas às fábricas e dos produtores rurais, que não tinham acesso à riqueza gerada pelo novo modelo de agronegócio. Também a mídia, muitos professores acadêmicos e muitas Organizações Não Governamentais de natureza ambiental e social se tornaram adversárias ao crescimento do setor.

Durante a década de 1980's, o setor de celulose e papel procurou responder a essas ameaças com investimentos tecnológicos, mas com um modelo de baixo nível de comunicação, que se costumava denominar de "low profile", ou seja, investia em aperfeiçoar suas tecnologias e atividades operacionais dentro das tecnologias existentes na época, mas não se comunicava muito bem com as partes interessadas da sociedade, talvez por receio de não conseguir atingir seus objetivos de convencimento. É provável que se acreditasse que permanecendo dentro dos intramuros nas fábricas e não aceitando as provocações ou diálogos externos, o setor não se exporia tanto em termos de notícias negativas na mídia.

Por felicidade, o PNPC foi gerado também simultaneamente a um programa governamental de fomentar a instalação de centros de pesquisas para atendimento ao setor, laboratórios bem equipados nas empresas, nas universidades e em institutos tecnológicos de natureza federal ou estadual. Foi definitivamente uma época turbulenta para o setor de base florestal, principalmente o de celulose e papel, que recebia pressões dos órgãos estaduais de controle ambiental, da

legislação federal e das mídias falada e escrita. Mesmo com os investimentos em novas tecnologias nas fábricas e busca de controle de poluentes, as tecnologias e os conhecimentos disponíveis ainda não tinham o nível de ecoeficiência suficiente para eliminar os problemas tanto nas fábricas como nas florestas. Também existia o fator humano, as dificuldades de gestão de grandes contingentes de trabalhadores, principalmente nas florestas, sem a requerida preparação, treinamento e comprometimento. Era uma missão quase impossível na época convencer a sociedade e os órgãos de controle que o setor tinha propósitos de acertar e de fazer o melhor em termos ambientais.

Talvez o mais eficiente dos aceleradores de mudanças ambientais e de rupturas em posturas para o setor brasileiro de base florestal plantada tenham sido os resultados da I Earth Summit – Conferência Mundial das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, aqui no Brasil conhecida como Rio-92 ou Eco-92. Dessa conferência global, que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro, resultaram dois importantes *drivers*: o fortalecimento do conceito de Desenvolvimento Sustentável e a importante “Declaração das Florestas”. Como consequência dessas propostas da Eco-92 surgiram e se estabeleceram rápida e globalmente: os sistemas de certificação florestal de bom manejo e logo depois de cadeia de custódia e as normas de qualidade e socioambientais da ISO – International Organization for Standardization, séries ISO 9.000 e 14.000 e da OHSAS – Occupational Health & Safety Assessment Series 18.000.

O setor brasileiro de base florestal plantada e principalmente o de celulose e papel, abraçaram rapidamente esses sistemas como forma de conquistar credibilidade e visibilidade de suas ações positivas em temas socioambientais. A “vantagem escondida” desses sistemas, só descoberta ao serem utilizados, é de que a gestão empresarial fica muito mais comprometida e participativa, graças aos desafios que esses sistemas incutem e motivam nas pessoas. Também as auditorias de terceira parte agregam mais visibilidade, confiabilidade e credibilidade aos desempenhos empresariais.

O setor de base florestal plantada foi um dos primeiros a conquistar as certificações do FSC – Forest Stewardship Council nas Américas com a Duratex (1995) e Klabin (1998). Em relação às normas de sistemas de gestão ambiental da série ISO 14.000, as primeiras empresas certificadas para o setor de celulose e papel foram a Bahia Sul Celulose (hoje Suzano) e a Riocell (hoje, Celulose

Riograndense), ambas em 1996, igualmente pioneiras nessas conquistas em termos globais.

Ao final do milênio, praticamente todas as empresas do setor de celulose e papel que exportavam produtos já estavam obtendo ou trabalhando para obter esses dois tipos de certificações ou selos ambientais. As bandeiras dessas certificações são facilmente abraçadas pelas empresas, pois elas são vitais nos processos de comercialização e de demonstração de práticas socioambientais comprometidas e auditadas, inclusive para obtenção de melhorias contínuas através de seus planos estratégicos. Um dos pontos mais importantes que as empresas perceberam nesses processos de certificação foi o compromisso com que as pessoas das empresas passavam a agir, pois todos facilmente entendiam que melhorar o meio ambiente acabava também por melhorar a sociedade na busca de sua própria sustentabilidade.

Ao início dos anos 2000's, o setor de celulose e papel teve uma nova época de expansão, mas já dispo de nos mercados tecnológicos de fábricas com desempenhos muito mais ecoeficientes, com menores impactos ambientais, principalmente pela redução substancial de geração de poluentes, de reciclagem dos mesmos e de reduções de consumos específicos de insumos e aumento de rendimentos.

O conceito atual de sustentabilidade se tornou global, sendo que se passou a acreditar que a sustentabilidade é uma rota sem fim, pois ela sempre precisa estar sendo buscada e aperfeiçoada, conforme a ciência for evoluindo e mostrando outras realidades comprovadas sobre a Natureza e sobre o ser humano no planeta.

No setor florestal a sustentabilidade tem sido visualizada sob quatro vertentes:

- Sustentabilidade da própria empresa e de seus negócios, através de seus desempenhos, eficiências e competitividade;
- Sustentabilidade da capacidade produtiva de suas áreas florestais – ou seja, a área florestal deve continuar a manter sua capacidade de produzir florestas plantadas produtivas. Para isso, o setor está convencido de que não existe outra forma de garantir essa sustentabilidade se não forem incluídas ações de proteções ambiental, dos recursos hídricos, do solo, da

biodiversidade e das pessoas que fazem interface aos seus empreendimentos.

- Sustentabilidade de seu ambiente regional, englobando as florestas, as bacias hidrográficas, as matas naturais, afetadas pelo empreendimento e colaborando assim para o atingimento da Sustentabilidade Global;
- Sustentabilidade das pessoas que trabalham e interagem direta ou indiretamente com os empreendimentos florestais e industriais, incluindo comunidades circunvizinhas e outras a eles relacionadas, igualmente colaborando para a melhoria global do planeta.

Dessa forma, a visão de sustentabilidade passou a ser a de um caminho continuado e sem final para garantir a perenidade ou perpetuidade das empresas e da sociedade humana no planeta.

A partir do conhecimento dessa breve história setorial, o importante é conhecer também algumas peculiaridades desse setor, tanto nos aspectos florestais, industriais e mercadológicos. Apresentarei isso na forma de tópicos para leitura e reflexões:

1. As florestas plantadas e cultivadas constituem-se nos alicerces do setor de base florestal plantada, principal fator de sua competitividade, frente aos excelentes ritmos de produtividade: eucaliptos (40 m³/ha.ano) e *Pinus* (30 m³/ha.ano).
2. As florestas plantadas e cultivadas são estruturadas e planejadas para atendimento a um manejo florestal responsável. Elas são instaladas em um esquema de mosaico ecoflorestal, onde áreas de plantações de árvores para fins industriais se mesclam com áreas de florestas nativas preservadas e muitas vezes enriquecidas pelo plantio de mudas de espécies regionais. O setor brasileiro de base florestal plantada possui atualmente cerca de 7,8 milhões de hectares de florestas cultivadas e ao mesmo está preservando permanentemente cerca de 5,6 milhões de hectares de áreas de conservação de recursos naturais. Ou seja, para cada hectare de floresta cultivada para uso industrial se conserva 0,7 hectare de recursos naturais regionais.

As suas áreas preservadas se constituem em patrimônio natural conservado para as gerações futuras nos biomas brasileiros onde o setor atua (Mata Atlântica, Cerrado e Amazônia), sendo que isso acontece como áreas de preservação permanente, de reservas legais e de Reservas Privadas de Patrimônio Natural (RPPN).

Diferentemente de passados mais longínquos, quando o desmatamento era até mesmo incentivado por políticas públicas para implantação de projetos de agricultura, pecuária e reflorestamento, isso definitivamente não acontece mais nas empresas do setor brasileiro de florestas plantadas. O setor geralmente usa terras previamente utilizadas pela agricultura e pecuária, já em estágio de uso intensivo, recupera as mesmas pelo manejo florestal responsável e busca implantar as áreas de preservação permanente em sistema de mosaicos com corredores ecológicos, permitindo assim o trânsito de animais entre as áreas preservadas. A proteção da biodiversidade e dos recursos hídricos são prioridades em todas as fases dos projetos florestais.

Adotam-se sistemas de manejo mínimo (ou seja, de mínimo impacto sobre o solo e sobre as bacias hidrográficas); praticam-se operações florestais com foco no bom e adequado uso dos recursos ambientais e naturais; busca-se preservar ao máximo a biodiversidade; proíbe-se o uso de fogo e o desmatamento de árvores nativas; monitoram-se e planejam-se as áreas para evitar incêndios, ataques de pragas, danos pelos ventos etc.

Ao mesmo tempo em que se protegem as áreas de florestas plantadas, iguais cuidados e monitoramentos são aplicados para as áreas de preservação natural.

3. O suprimento das fábricas é na maioria dos casos realizado com florestas próprias certificadas ou de produtores rurais fomentados ou terceiros. As empresas incentivam a certificação florestal também de seus fornecedores de madeiras e quando esses não estão certificados são deles exigidos requisitos praticamente similares aos dos princípios e critérios dos sistemas de certificação.
4. O setor brasileiro de celulose e papel produz atualmente cerca de 20 milhões de toneladas de celulose e 10,5 milhões de

toneladas de papel. Desses totais, o setor exporta 15 milhões de toneladas de celulose e 2,2 milhões de toneladas de papel. O fortalecimento dos conceitos de produção e consumo consciente passou a ser fundamental para que o setor priorizasse práticas de gestão e produção visando a oferecer aos mercados em que atua globalmente produtos de qualidade e certificados, atendendo assim aos requisitos exigidos pelos clientes e pela sociedade.

5. O setor de base florestal plantada no Brasil é um setor com grandes escalas de produção, mas são grandes também os benefícios gerados. O setor representa 7% do PIB industrial brasileiro, está presente em mais de 20 estados e mais de 1.000 municípios estão em zonas de influência da indústria de base florestal, prioritariamente no interior do Brasil, afastados dos grandes centros, antes socialmente deprimidos. Dessa forma, também colabora para a melhoria significativa do IDH – Índice de Desenvolvimento Humano nos mesmos. Esse setor gera 3,8 milhões de empregos, diretos, indiretos e de efeito renda. Hoje o Brasil é o maior exportador mundial de celulose e grande exportador de aço siderúrgico a base de carvão vegetal e de painéis e móveis de madeira. Essa dimensão coopera não apenas para a geração de empregos diretos, mas também para a criação e fortalecimento de milhares de empresas que atuam e fazem interface com o setor florestal.

Do exposto até o momento, é possível se notar que diversas forças motrizes colaboraram para as alterações das relações e posturas desses setores com a temática de Sustentabilidade. Isso pode ser notado a partir das seguintes considerações sobre o comportamento de governança e gestão em busca de competitividade alicerçada pela sustentabilidade:

1. O setor de celulose e papel passou a reconhecer que problemas localizados de algumas empresas e de gestão do meio ambiente de grande parte delas no passado acabaram por deteriorar a sua imagem e as suas relações com as comunidades. Foi um ponto vital de busca de melhoria contínua em todas as empresas, principalmente pelas certificadas em suas florestas e fábricas.

O setor de base florestal por sua vez reconhece também que a imagem negativa de uma única empresa pode afetar e muito a imagem do setor como um todo. Por essa razão, as entidades setoriais colocaram também estímulos à certificação florestal e ambiental de todas elas.

2. A postura intramuros do “low profile” está rapidamente desaparecendo. De atitudes reativas e reclamativas do passado (anos 1970’s a 1980’s) o setor assumiu uma proatividade disruptiva buscando sistemas de gestão novos através das certificações (anos 1990’s) para finalmente adquirir uma compromissada prática de busca da sustentabilidade (anos 2000’s).
3. Os investimentos em pesquisa e desenvolvimento e os ajustes tecnológicos realizados por empresas, universidades, centros de pesquisa próprios ou consorciados e fornecedores de tecnologia permitiram a introdução no setor de fábricas de última geração tecnológica, consideradas entre as mais modernas do planeta, no estado da arte tecnológico. A continuidade dessas pesquisas tem favorecido o contínuo aperfeiçoamento do setor brasileiro de celulose e papel, seja na área florestal, industrial e de controle e reciclagem de poluentes gerados nas operações. O monitoramento e participação efetiva em projetos de pesquisa e desenvolvimento vêm colaborando para as empresas atualizarem suas práticas produtivas, seus portfólios de produtos e melhorias nas relações socioambientais. É reconhecido por todos que algo que seja ambientalmente e produtivamente correto nos dias de hoje, pode não sê-lo em futuro próximo, por conta dos avanços da ciência e do conhecimento tecnológico.
4. Tecnologia estado-da-arte e modernização tecnológica no campo e nas fábricas são vitais em um tipo de empresas como as de celulose e papel que dependem de escala de produção e custos baixos de produção. Atualmente, qualquer nova linha de produção de um novo projeto ou de modernização de uma fábrica existente só é instalada se estiver se valendo na implantação das melhores tecnologias disponíveis (BAT – Best Available Technologies).

5. As práticas de ecoeficiência e de continuidade operacional associadas à gestão responsável e modernização tecnológica não são úteis apenas ao meio ambiente, mas também representam resultados econômicos para as empresas, através da redução de desperdícios e tempos perdidos de operação, retrabalhos etc. O meio ambiente, que no passado era considerado como um custo a mais, passou a ser um parceiro para tornar o negócio mais eficiente, durável, com menos poluentes, melhores eficiências e resultados, inclusive econômicos.
6. As certificações florestais e de sistemas de gestão socioambientais introduziram o fator humano nas empresas, humanizando suas ações dentro e fora das empresas. Comunicação, transparência e diálogo com as partes interessadas passaram a fazer parte dos sistemas gerenciais das empresas.
7. O diálogo com as partes interessadas, que em tempos passados era até mesmo temido, passou a ser praticado em Fóruns de Diálogo Florestal, em eventos de interesse público, e principalmente, nas audiências públicas para análises, debates, sugestões e validações de Estudos de Impacto Ambiental de novos projetos.
8. As certificações também potencializaram o fator mercadológico, tornando-se um diferencial competitivo, uma vez que praticamente todos os mercados compradores passaram a exigir produtos certificados. Em setores competitivos como o de celulose e papel, a busca das certificações por todas as empresas líderes de mercado foi consequência imediata.
9. As certificações foram fundamentais para essas mudanças por causa de seus condicionantes e requisitos, tais como:
 - Respeito e conformidade com as legislações ambientais e trabalhistas aplicáveis ou pertinentes.
 - Obrigação de avaliação dos impactos ambientais e sociais causados pelo empreendimento e o estabelecimento de planos para mitigar ou eliminar os efeitos negativos e potencializar os positivos.

- Necessidade de se ter toda a equipe de funcionários e empresas terceirizadas comprometidas com o obediência dos princípios, critérios e metas definidas.
- Necessidade de realização de auditorias internas para detecção de não conformidades e atuação nas correções das mesmas;
- Necessidade de auditorias externas de terceira parte para garantir a manutenção da certificação.

As exigências socioambientais das certificações são altas, fazendo que as empresas atuem bem melhor do que os limites impostos pelas legislações (florestal, ambiental e trabalhista). Entretanto, o setor de celulose e papel entende que elas não são empecilhos, pelo contrário, são vetores aceleradores do processo de busca da sustentabilidade.

10. A governança das empresas foi gradualmente incluindo os fatores de bem-estar social, saúde, segurança, educação, cultura e felicidade das pessoas em suas metas. Diversas empresas do setor têm sido relacionadas com destaque em premiações do tipo "melhores empresas para se trabalhar no País". Outro aspecto relevante dentro da governança atual é a disposição das empresas em compartilhar as riquezas e as disponibilidades do empreendimento com as comunidades. Isso acontece através projetos educativos, culturais, de parcerias com os produtores rurais (fomento florestal, agricultores agroecológicos, pecuaristas e apicultores), com os fornecedores locais (compras regionais de insumos gerais, madeira, combustíveis, etc.). Esses projetos desenvolvidos com as comunidades colocam importante parcela dos recursos financeiros da empresa para as comunidades que estão inseridas nas áreas de influência da empresa. Trata-se não apenas de um processo de compartilhamento, mas de ganhanha para as empresas e a sociedade regional.

11. As empresas do setor de celulose e papel passaram a apresentar em seus planos estratégicos diversos compromissos socioambientais que são tornados públicos para a sociedade. Isso dentro de uma maior transparência e diálogo. Dentre esses compromissos se incluem também compromissos na esfera da Sustentabilidade Global, tais como: Pegada Hídrica (uso de

água nas florestas e nas fábricas); Pegada de Carbono (utilização de carbono fóssil e produção e consumo de biomassa renovável), Incentivo à Reciclagem e Uso Consciente do Papel, Combate ao Desmatamento, Mitigação dos Efeitos Climáticos etc.

12. A busca da sustentabilidade passou a ser atividade vital e consolidada por todos nas empresas líderes do setor de celulose e papel, sendo buscada por ações e políticas em todas as áreas que compõem o complexo empresarial (florestas, fábricas, portos, setores administrativos, etc.) e nas suas interfaces externas (comunidades, fornecedores, empresas terceirizadas, produtores rurais, etc.). Para se tornar agente de transformação no setor rural e industrial, as empresas do setor estimulam a que produtores rurais, fornecedores de madeira, de insumos químicos e de serviços como manutenção, etc. etc. também se esforcem e mostrem evidências de estarem trabalhando de acordo com os critérios e princípios desses sistemas de gestão florestal e ambiental; ou então que demonstrem isso através também de certificações similares.

E o futuro? Haveria alguma maneira de projetar ou prospectar como evolirão esses modelos hoje adotados de governança focada na competitividade e sustentabilidade?